



## Apresentação do dossiê Hans Blumenberg

Olivier Feron\*

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil

---

Numa célebre análise de seu tratado de antropologia filosófica, Hans Blumenberg identifica aquilo que constitui a antinomia elementar de toda a antropogénese. O tornar-se carne (*Leib*) que caracteriza o homem e o fato de sair idealmente de um estado mítico de natureza apoiam-se claramente sobre a aquisição da postura ereta primária pelos primeiros antropoides, o *saber pôr-se de pé*. Melhor ainda, o tornar-se homem é algo que se manifesta pelo alargamento do seu horizonte perceptivo que simultaneamente lhe abre o campo de visão e o torna visível. A saída da floresta tropical desemboca no vazio da savana infinita que representa o teatro de um novo modo de percepção, a apreensão do horizonte no qual o observador teórico, muito mais tarde, visará por antecipação o mundo na sua totalidade. Este crescimento exponencial da visão – antecipação da teoria e da sua universalidade anónima – modifica, contudo, o biótipo deste proto-humano.

Como compreender esta descrição fenomenológica do surgimento do homem e do seu olhar universalizante senão como uma

---

\* OF: doutor em Filosofia, e-mail: [feron.olivier@gmail.com](mailto:feron.olivier@gmail.com)

precaução? Blumenberg, o pensador, elabora sua obra no abrigo da caverna que é a sua biblioteca, recusando conscienciosamente qualquer mediatização, qualquer exposição face àquilo que Franz Josef Wetz, um dos seus primeiros comentadores, apelida de “turismo acadêmico”. “*De nobis ipsis silemus*”: De nós mesmos silenciamos. À publicidade a que recorreram grandes figuras do pensamento do século XX, Blumenberg sempre preferiu a integridade do acesso único através das suas obras, reputadas por serem tão difíceis quanto apaixonantes. É assim raro vê-lo vestir a pele do “*flâneur*” — aquele que vê e que, por sua vez, é visto, tal como ele se revela para nós na foto da capa deste número da *Aurora*, comendo uvas nas ruas de Paris, nas pegadas de Walter Benjamin. Esta imagem da pessoa do pensador não deixa, contudo, de suscitar um inquietação no espectador: qual será o grau de violência exercido pelo olhar do observador — cuja figura se reflete em espelho no olhar escrutinador do transeunte situado por detrás do filósofo — quando se sabe que o pensador de Lübeck se preservou sistemática e voluntariamente de qualquer exposição? Sem dúvida que a tormenta do século XX lhe deu boas razões para se lembrar da advertência de Espinosa: “*Caute!*”.

Nascido em Lübeck, em 1920, numa família de tradição católica, Hans Blumenberg faz parte desses filósofos que, à semelhança de Theodor Adorno ou Ludwig Wittgenstein, se viram subitamente classificados pelas leis de Nuremberg como semi-judeus (*Halbjude*). Melhor aluno do seu colégio, o *Katharineum*, onde estudou antes dele um tal de Thomas Mann, vê-se rapidamente discriminado e impedido de entrar na universidade pública. Prossegue assim os seus estudos em diferentes universidades católicas: estuda filosofia escolástica e neotomismo em Paderborn e Frankfurt am Main antes do regime o impedir definitivamente de continuar com os seus estudos, em 1941. Enviado para um campo do Serviço de Trabalho do Reich (*Reichsarbeitsdienst*), é salvo por um industrial da sua cidade natal que o esconde até à queda do regime nazi.

Depois da guerra, termina seus estudos em 1947, com a defesa de uma tese sobre a ontologia medieval na Universidade de Hamburg, a universidade onde Ernst Cassirer fora professor e o único reitor judeu

durante a República de Weimar. O trabalho de Blumenberg na área da fenomenologia leva-o a defender a sua tese de habilitação em 1950, intitulada *A distância ontológica: uma pesquisa sobre a crise da fenomenologia de Husserl*, sob a direção do antigo assistente de Husserl, Ludwig Landgrebe. De seguida, ensina nas universidades de Hamburg, Giessen, Bochum e finalmente Münster onde se aposenta em 1985. Membro fundador do grupo de pesquisa *Poetik und Hermeneutik* — com Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, a partir 1963 — que desenvolve trabalhos inovadores nas áreas da estética, da linguística, da teoria literária ou da filosofia da história, ele representará o papel de teórico programático. Foi igualmente diretor da coleção *Theorie* das prestigiosas edições Surkamp com Jürgen Habermas e Dieter Henrich. Foi um dos raros galardoados com o *Prémio Kuno Fischer* pelo seu trabalho excepcional na história da filosofia (1974); recebe também o *Prémio Sigmund Freud* de prosa científica em 1980, logo depois de Habermas e Gadamer.

Blumenberg nunca chega a superar os anos de estudos e de formação que lhe foram roubados. Depois de se ter aposentado, refugia-se na sua biblioteca onde continua a compor sua obra, dormindo apenas seis noites por semana, talvez para recuperar os anos que o sinistro regime lhe tinha usurpado. Deixará de 15 a 20 livros acabados sob a forma de manuscritos, preparados para a edição, mas que serão apenas editados a título póstumo. De um cuidado extremo com as suas publicações, chegou ao ponto de não querer perder mais tempo com a revisão das provas, tempo esse que lhe era caro e que consagrou à escrita. Reposou definitivamente a sua pluma em 1996.

Fala-se mais da obra de Blumenberg do que realmente se lê. *Corpus* singular e gigantesco — “escrita torrencial”, dirá Vattimo —, suscita certamente tanto interesse quanto respeito. Não obstante, só há pouco tempo começou a ser alvo de uma série de estudos sistemáticos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Possuidor de uma erudição intimidante, mas nunca gratuita, Blumenberg é provavelmente mais conhecido por causa das repercussões de uma das suas obras mais importantes, *A legitimidade dos tempos modernos*. Nela desconstrói, entre outros temas, o conceito de secularização, opondo-o ao tema da autoafirmação do homem. O livro suscitará várias reações, quer de

Gadamer, de Karl Löwith ou de Carl Schmitt: este último, com mais de 80 anos, ainda se sentiu obrigado a travar as “flechas de Parta” de Blumenberg na sua *Teologia Política II*, acontecimento que inaugurará aquilo que se chamará, na Alemanha, o *Blumenberg-Debate*.

Seu programa de *metaforologia* vai entusiasmar os teóricos da literatura antes mesmo de a filosofia assumir esse projeto como sendo uma peça única do trabalho de delimitação das capacidades de determinação do conceito, o que levou certos leitores alemães a aproximá-lo, sem hesitação, do gesto de desconstrução de Jacques Derrida. Leitor e intérprete de Husserl, ao qual elogia a *qualidade do pensar*, Blumenberg aprofunda o trabalho de descrição ao mesmo tempo que põe em causa a incapacidade da fenomenologia de fazer coincidir intencionalidade e evidência do ponto de partida cartesiano. Falta à fenomenologia um elemento que sempre foi recusado por Husserl: o *factum* antropológico que está na base da reflexão. Fazendoda carne (*Leib*) uma condição da intersubjetividade, ele volta a centrar a reflexão num homem que sente, que age e espera, que sofre e cria múltiplas obras pelas quais se comunica com os outros e se protege de um mundo silencioso. Céptico que duvida antes de mais da aplicabilidade universal do cepticismo, irá pôr toda a sua paciência e atenção na desconstrução de todos os absolutismos: o absolutismo teológico em *A legitimidade dos tempos modernos*; o absolutismo da teoria, aquele que ameaça asfixiar o mundo vivido, a *Lebenswelt* à qual Husserl dedicará os seus últimos anos de trabalho; e, por fim, o absolutismo da realidade, em *Trabalho sobre o mito*, que lhe permite compreender o homem como o ser que coloca à distância uma realidade, para cujo contato direto não está preparado. Neste aspecto, o homem parece inadaptado para o imperativo de verdade que guia a filosofia, e a procura de sentido é mais um *sintoma* do que um objetivo para o qual Blumenberg, tal como Freud, propõe a *consolação* como única resposta *antropologicamente* possível.

Por conseguinte é impossível pretender resumir um pensamento de tal amplitude: o estilo, a estratégia de escrita e a extraordinária multiplicidade de temas abordados são a garantia de que Blumenberg desejava opor qualquer tentativa de reduzir o humilde exercício de reflexão a uma coleção de fórmulas e de conceitos chave. Os ensaios

reunidos não têm outra pretensão senão esclarecer fragmentos de um continente de pensamento, convidando a perseguir a leitura paciente da obra do filósofo alemão. Este número sobre Hans Blumenberg tem o privilégio de ser acompanhado por um precioso texto de Bettina Blumenberg que evoca, com elegância e afinidade, a figura e a obra do seu pai. Que ela possa encontrar nesta primeira recolha de estudos sobre o pensamento de Hans Blumenberg no Brasil<sup>1</sup> a expressão do reconhecimento pela generosidade com que acompanhou esta iniciativa, agraciando os leitores com a foto absolutamente inédita que figura na capa deste 41º número da *Aurora*.

---

<sup>1</sup> Registro. O público filosófico brasileiro recebeu a primeira e pontual apresentação do pensamento de Hans Blumenberg, provavelmente, pelas páginas iniciais de *Escritos de filosofia VII: raízes da modernidade*, de H. C. de Lima Vaz, ao analisar a questão da “interpretação da cultura”. A propósito, conferir o capítulo I, “Fenomenologia e axiologia da modernidade”. Cf. VAZ, H. C. L. *Escritos de filosofia VII: raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 26-30.